

ENTREVISTA: DZURURAN (MARIO), CACIQUE XAVANTE

# Em busca da sobrevivência

EMPURRADOS DESDE O DESCOBRIMENTO,  
OS XAVANTES QUEREM  
GARANTIR SUAS TERRAS EM S. MARCOS

Por Alvaro Pereira e Armando Rollemberg

Desde quando foram contatados, em 1946, pelo sertanista Francisco Meirelles, os índios xavantes têm escrito sua história através de permanentes conflitos com os civilizados, nos quais conquistaram raríssimas vitórias. Tangidos sucessivamente de Goiás para Mato Grosso, das margens do rio Araguaia para as do rio das Mortes, por frentes de colonização e fazendeiros portadores de títulos de propriedade das terras que acreditavam suas, eles agora empenham-se em garantir a reserva de São Marcos, instituída por decreto da presidência da República, mas ainda não demarcada e por isso parcialmente ocupada por fazendeiros que se recusam a abandonar as terras que cultivam, antes de receber a indispensável indenização do governo federal.

Os xavantes gozam de uma justificada fama de valentes, pois antes mesmo de seu contato com os civilizados enfrentaram em duras e seguidas guerras, armados com suas rústicas bordunas, os já aculturados bororos, proprietários de armas de fogo. Revólveres e espingardas foram também para os xavantes, junto com a civilização, e em outubro do ano passado a Fundação Nacional do Índio (Funai) precisou enviar uma missão pacificadora à sua aldeia, pois eles se preparavam para iniciar uma guerra com os fazendeiros. Sem renegar esse passado de glórias guerreiras, o chefe Mario (Dzururan, em xavante) mantém seguidos contatos com a Funai, em busca de uma definitiva solução para a questão das terras da reserva São Marcos. Há quinze dias, em Brasília, acompanhado dos guerreiros Cipriano (Jeio) e Guido (Waadahifi), ele empreendeu uma nem sempre paciente peregrinação pelos corredores do Ministério do Interior, em busca de uma oportunidade para falar com o presidente Ernesto Geisel, "o grande cacique que está acima do Brasil".

Talvez Dzururan tenha sido vítima dos mal-entendidos da burocracia, de que não escapam nem mesmo os civilizados.



Mario: índio tem paciência curta

O fato é que ele estava certo de que o ministro Rangel Reis iria não apenas conseguir-lhe uma audiência com o presidente mas fazer o definitivo pagamento das indenizações até dezembro, afastando assim os fazendeiros da reserva. Mas o ministro esclareceu a VEJA: "O presidente Geisel acolheu bem a idéia de conceder uma audiência aos xavantes. Ficou acertado que ela será realizada na primeira viagem que ele fizer a Cuiabá ou qualquer outra cidade de Mato Grosso. Lá ele receberá os xavantes. Mas a audiência não será em dezembro, nem fizemos promessas nesse sentido. Também não há prazo para pagamento de indenização aos fazendeiros que estão dentro das reservas xavantes. Qualquer indenização só pode ser paga depois de um cuidadoso exame da situação dos títulos de cada fazendeiro. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) examinará, por intermédio de um convênio com a Funai, a

situação fundiária em cada reserva. Por esse motivo, não há possibilidade de fixar prazos, primeiro é necessário fazer esse levantamento fundiário, com muita cautela".

Pouco antes de retornar à sua aldeia, Dzururan falou a VEJA sobre os problemas de sua tribo. Então ele não sabia que esta semana estará recebendo do ministro Rangel Reis um caminhão e um trator — duas coisas que ele havia pleiteado para melhorar as colheitas dos xavantes e garantir o transporte dos produtos até o mundo civilizado, para comercialização.

## O governo do Estado vende as terras

VEJA — Qual o motivo de sua vinda a Brasília?

MARIO — Começamos a lutar contra os fazendeiros em 1960, para não deixar invadirem nossa terra. Então, nós aprendemos alguma coisa dos brancos, como é a vida dos brancos. Antes não havia brancos. Só existiam xavantes, autênticos xavantes. Os fazendeiros chegaram na aldeia dos xavantes e começaram a ameaçar. Então nós, hoje, viemos pedir ao presidente da República a indenização dos fazendeiros. Nós, desde o início, estamos lutando, a promessa se passa. Muitos anos, catorze anos esperando, mas ninguém cumpriu promessa. Isto é que nós queremos hoje. Tem que ser cumprida a promessa.

VEJA — Que promessa?

MARIO — Sobre a terra dos xavantes. Garantir nossa reserva. Eu estive na ilha do Bananal e encontrei o presidente Costa e Silva. Ele fez a promessa de dar a terra. Escutei pessoalmente com meus ouvidos. E ficamos contentes porque ele prometeu no meio dos xavantes.

VEJA — Na Funai, dizem que a terra



de vocês já está sendo demarcada...

MARIO — A medição já está feita. Somente a indenização do fazendeiro ainda falta. O fazendeiro mesmo disse: "Se a Funai pagar podemos sair, se a Funai não indenizar não podemos sair".

VEJA — *Só a reserva de São Marcos ou as outras também?*

MARIO — Só São Marcos. É lá que estamos lutando. Eu lutava em todas as duas. Em Couto Magalhães eu também lutava. A gente quer que entregue primeiro a reserva de São Marcos. Depois a gente deve pensar com outra tribo, mais tarde. Porque a outra tribo está sofrendo muito mais que nós. Nós estamos sofrendo também. Pessoalmente o xavante está sofrendo até agora. Então agora nós estamos lutando para a Funai mandar pessoal para fazer o levantamento do serviço e pagar benfeitoria para fazendeiro. Como o fazendeiro gastou, então está obrigado a pagar para ele. Porque ele, fazendeiro, não é culpado de poder tomar a terra do índio. O culpado é o governo do Mato Grosso, que tá vendendo a terra do índio, acabando a terra do índio. Isto em todo lugar. Suia-Miçu, serra do Roncador, Peixoto de Azevedo, se foi vendendo a terra do índio para fazendeiro. Em serra do Roncador eu tive em 1954 mais ou menos, era a última aldeia brava e eles queriam amansar. Eu ia ficar lá. Para segurar a terra deles. Eu sou mais adiantado do que o pessoal. Eu conheço mais a vida do branco. Outro não conhece muita coisa. Então eu fico aqui e tomo conta de vocês. Eu defendo nossa terra, senão índio fica sem terra. Aí eles responderam, nós não queremos você. Você deve voltar.

## "O branco estuda para enganar o índio"

VEJA — *Que tribo era?*

MARIO — Nossa tribo mesmo. Xavante. Aí depois mais tarde a terra do índio foi vendida para estrangeiro. Depois, índio foi jogado no brejo onde terra não vale nada. Depois eles mesmo pediram para mandar para São Marcos. Aí nós arrumamos um avião da FAB do Rio de Janeiro. Esse avião levou esse pessoal da serra do Roncador porque a terra deles foi vendida para estrangeiro.

VEJA — *Eles se juntaram com vocês?*

MARIO — Sim, uns trezentos. A segunda vez eu fui para Peixoto de Azevedo ficar com krenhacarore, ficar na

companhia deles, ajudar um pouco. Eu tinha pedido ao chefe do posto da Funai para ficar lá. Poder defender a terra deles. O chefe do posto não aceitou. Aí eu fui para Cuiabá. Mais tarde a terra do krenhacarore, parece, foi tomada. Então krenhacarore passou para Xingu. Essa terra no Peixoto de Azevedo foi vendida também para fazendeiro. O índio sempre afastando. Afastando. Ainda hoje é isso. Quando Portugal descobriu o Brasil, começou a empurrar o índio. Até hoje ainda existe. Hoje não se pode fazer mais isto. Hoje tem que melhorar, tem que ajudar índio. Deve salvar o índio. Não deve acabar com o índio brasileiro verdadeiro. Nós somos brasileiros verdadeiros muito mais que os brancos. Assim mesmo ninguém liga, ninguém se incomoda com índio. Índio tá sofrendo, se a autoridade ajudar bem o índio, então seria diferente. Índio andava para cima como quem andava de escada. Mas ninguém ajuda índio. Índio está sofrendo na mão dos brancos.

VEJA — *Se o governo estivesse disposto a ajudar o índio, o que você pediria?*

MARIO — Índio precisa de roupa, ferramenta, enxada, panela, remédios, e também melhores condições para seu trabalho. Precisamos também de caminhão para carregar arroz, senão a produção fica parada. Antes de tudo, o índio precisa de terras, senão como ele vai viver? Índio é dono da terra. Então, o branco deve respeitar a terra do índio. O branco estuda muito para poder enganar o outro, para fazer tapeação com o índio. Mas o que adianta a gente estudar bastante? Para roubar ou para fazer bem para o outro? Eu estou achando muito errado isto, erradíssimo.

VEJA — *Como índio, você prefere ficar isolado do branco?*

MARIO — Nós queremos continuar autênticos xavantes. Nós não podemos nos misturar com os civilizados. Queremos continuar com os costumes de xavantes. E poder estudar, aprender coisas, como os brancos estão aprendendo. Os xavantes estão se esforçando e queriam estudar como os brancos. Aprender a guiar carro e outras coisas que são boas, não é? Ser enfermeiros, ser médicos, aumentar e crescer, fazer progresso, como os brasileiros, que estão crescendo, progredindo. É isso que nós queremos.

VEJA — *O que o ministro Rangel Reis disse a vocês?*

MARIO — Nós estivemos na última quinta-feira com o ministro. Então, nós três, eu, o Guido e o Cipriano, falamos

com o ministro, com o chefe de gabinete do presidente da Funai e o diretor da Sudeco. Eu falei para o ministro: "A gente tem que expulsar logo o fazendeiro, eu quero tomar conta da terra. Eu não vou esperar a promessa até o fim do ano. Eu já estou cansado. A paciência do índio é muito curta". Depois, eu falei para ele: "Olha, ministro, agora nós vamos conversar com o presidente". Então o ministro disse: "O que o senhor vai resolver lá?" Então eu disse: "O presidente é o maior, está acima do Brasil. Eu quero contar muita coisa para ele pessoalmente. O índio deve falar, por que o índio não pode falar com ele? Nós não somos brasileiros, não estamos na mão dele, por que não podemos conversar?" O ministro: "Está bom, vamos ver. Sexta-feira eu vou conversar com ele. 12 horas o senhor pode esperar". Pois, ele insistiu: "O que o senhor vai resolver com o presidente?" Eu disse: "O presidente deve resolver tudo. O presidente é grande. Ele pode mandar o ministro, o ministro pode mandar para Funai, a Funai pode mandar para o DGO (Departamento Geral de Operações). Então, a gente não precisa guardar segredo, porque eu vou falar a verdade com o presidente. Dizer o que o índio está precisando, porque ele sofre. Vou contar muita coisa".

## A esperança de falar com o presidente

VEJA — *Vocês estiveram com o presidente?*

MARIO — Não. Mas a hora estava marcada. Às 12 horas. Depois, eu não sei o que aconteceu. Fomos esperar no Palácio da Alvorada. Ficamos esperando. Veio 13 horas. Depois o gabinete do presidente da Funai veio atrás de nós. Mas não nos encontrou. Depois recebi um recado do ministro, dizendo para mim voltar para o Mato Grosso, pois o presidente vai para o Mato Grosso. A Funai ia mandar um avião para nos apanhar. Dizia ainda o recado que eu iria falar com o presidente em Mato Grosso, onde eu poderia conversar à vontade com o presidente. Então, eu aceitei voltar.

VEJA — *E se a solução demorar muito, o que vocês vão fazer?*

MARIO — Se demorar muito, nós mesmos vamos ter que resolver. Se o governo tem boa vontade em ajudar o índio, então deve resolver logo. A gente já começa a briga lá e morre um bocado de índio, então não adianta esperar.

continua na página 6



continuação da página 4

Por que não pode afastar o fazendeiro?

VEJA — *O que que o fazendeiro tem feito com vocês?*

MARIO — O fazendeiro tem feito muito abuso com o índio. Nossas mulheres já apanharam. Fazendeiro já envenenou comida dos xavantes. Já bateu em missionário, missionário que salva o índio. O fazendeiro ainda está continuando a briga com o índio. Quando eu conversei, no ano passado, com o ministro Cavalcanti, ele prometeu que em dezesseis dias mandava uma comissão para conversar com os xavantes. Aí, depois, a promessa dele não valeu nada também. Não adiantou nada. Aí eu esperei o dia 30 de outubro. No dia 30 eu levei o pessoal para mandar fazendeiro embora. O fazendeiro me falou para esperar autoridade. Eu esperar autoridade? Quando vem o Exército me tirar eu saio. Se o Exército tem autoridade eu também tenho autoridade. Aí eu disse: "O senhor deve sair. O senhor nunca paga renda para índio. Vocês ficam ricos na terra do índio. Então, vocês devem sair. Nós não podemos fazer brincadeira com vocês. Nós temos autoridade maior também. Porque, aqui, nós estamos aguardando a promessa do governo, de tirar o fazendeiro. Agora passou a promessa. Então, eu é que vou resolver. Se vocês quiserem, apanhem autoridade em Barra do Garça ou Cuiabá". Depois, chegou o capitão. Chegou o capitão da Barra, chamado capitão Evangelista, e outro, doutor Marcinho. E me perguntaram: "Que que o senhor fez com o fazendeiro?" Perguntou se é verdade que estava estragando a fazenda deles e eu disse que sim, que era verdade. Eu disse que não guardo segredos, que não sou ladrão, que ladrão eram eles. E disseram: "Como é que o senhor sabe disso?" "Este é o meu serviço, eu defendo todo canto. Eu já esperei muito a promessa de Cuiabá. Então, eu fico cansado. Eu não vou esperar promessa do governo, não. Eu é que tenho que resolver". Então, o capitão disse: "Tá, o senhor tem razão, Mario". Eu disse: "Então, por que razão o senhor veio aqui?" Ele não disse nada e foi embora. Então, o fazendeiro estava preparando para levantar guerra contra xavante. Eles tinham ajuntado sessenta homens para fazer guerra contra xavante. O fazendeiro me disse: "É pouco sessenta homens, é melhor a gente arrumar 2 000 pessoas para lutar contra índios". Nós somos duzentos guerreiros e o dia já estava marcado para começar a guerra. Depois, no mesmo dia começou a chuva. Meia-noite, choveu até as 8 horas da manhã. Aí, depois, a polícia federal de Cuiabá chegou e foi atrás do fazen-

deiro. Eles tinham três fuzis. Isso foi no ano passado.

VEJA — *Vocês se consideram mais brasileiros do que os brancos?*

MARIO — Todos nós, na aldeia, pensamos assim. E quem nos ensinou isso foram nossos pais, nossos avós, que contam direitinho como aconteceu tudo, desde a época que Portugal descobriu o Brasil.

VEJA — *Vocês gostam dos missionários?*

MARIO — Gostamos sim. Eles dão bons conselhos, ensinam a gente a escrever, cuidam da nossa saúde. E não atrapalham em nada, nós fazemos questão de preservar a nossa natureza, os nossos costumes. Por exemplo: o branco tem o carnaval, tem base de tudo isso. E nós também temos nossas festas, diferentes de todas as outras, que devem ser conservadas.

VEJA — *Os missionários ensinam vocês a rezar. Isso é costume de vocês?*

MARIO — Acontece que nós já acreditávamos em Deus antes do padre, você entendeu? É o mesmo Deus no qual acreditamos hoje, não houve mudança.

## Como entre brancos, há bons e maus índios

VEJA — *Quem é Deus para vocês?*

MARIO — O nome de Simão já vem de longe, não sei ao certo onde o índio aprendeu isso. É como o cruzeiro, que também vem de longe. Nós já nascemos conhecendo o cruzeiro. Então, acreditar em Deus faz com que a gente confie sempre na nossa paz.

VEJA — *Quem lhes ensinou que os portugueses descobriram o Brasil?*

GUIDO — Nossos pais. A história vai sendo transmitida de geração para geração. Quando a gente era estudante, eles nos contavam tudo, assim como os brancos têm as suas histórias do passado. Só que nós aprendemos em língua xavante.

VEJA — *O progresso do branco é a grande ameaça?*

GUIDO — É isso mesmo. Os xavantes devem crescer, aumentar cada vez mais, alcançar o progresso, para não desaparecer como os nossos pais, avós e bisavós desapareceram. E só conseguiremos se o governo garantir nossas terras.

VEJA — *Mario, se você fosse, por hipótese, o presidente da Funai, o que você faria?*

MARIO — À medida que a popula-

ção indígena fosse aumentando, eu tiraria mais terras para ela. Eu não seria egoísta, pois me sentiria na obrigação de ajudar a todos, ajudar a pobreza. E não guardaria dinheiro para ajudar minha família. Seria o presidente de todos os índios e não o presidente da minha família. Até aqueles que sofrem nas ruas teriam terras para manter sua família. Eles são gente também. Nós somos todos iguais. Por isso, não sei por que ninguém se interessa pelo pobre.

VEJA — *O que você acha do branco? Todos eles são ruins?*

MARIO — Nem todos os brancos são ruins, embora os bons sejam poucos. A maioria, infelizmente, é egoísta.

VEJA — *E os índios, todos eles são bons?*

MARIO — Não. Como já disse, todos os homens são iguais. Portanto, assim como existem brancos ruins existem também índios ruins.

VEJA — *Vocês gostariam de, no futuro, conviver com o branco nas cidades?*

MARIO — A gente deve conhecer toda a vida complicada do branco, não muito fácil de entender. A vida do índio é simples. Nós nos sentimos, na cidade, como um peixe se sente fora da água. Assim, precisamos primeiro aprender devagarinho, a cada vez, para depois então passar à convivência com o branco. E poderemos estudar para ser médicos, engenheiros e juizes, as coisas boas da cidade. Porque também tenho medo de que o índio aprenda as coisas ruins da cidade, as coisas que não prestam. O vício, a malandragem, tudo isso.

VEJA — *Mas aí o índio perderia a tutela do governo?*

MARIO — Tenho medo disso. Acho que deveríamos, de início, continuar com a tutela para podermos aprender melhor. O índio deve continuar a natureza e os costumes dele. A gente pode dizer: "Olha, você agora não é mais xavante, você é doutor. Agora você pode ficar aqui". Mas isso mais tarde, no futuro, quando precisarmos pensar como vai ser, se o índio pode estudar ou não, pois o peixe fora da água pode morrer.

VEJA — *Vocês ainda guerreiam entre si próprios, como costumavam fazer?*

MARIO — Agora não. Nós brigávamos porque os brancos faziam fuxico entre a gente e a gente acreditava que era verdade. Mas já não acreditamos mais, pois sabemos que os fazendeiros queriam era que os índios ficassem sem terra, machucassem uns aos outros. E morrendo os índios eles ficavam com a terra, eles que são mais sabidos que nós.